

## **Narrativas em Quadrinhos: tensionamentos entre ficção e realidade no processo educacional<sup>1</sup>**

Débora Paz MENEZES<sup>2</sup>

Rafael HOFF<sup>3</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), RS

### **Resumo**

Histórias em quadrinhos (HQs) são tomadas como um hipergênero textual que tensiona as representações do real e da realidade no ambiente escolar a partir de suas narrativas. Entre a ficção e a realidade, a forma e o conteúdo, as histórias em quadrinhos envolvem o olhar e, recentemente, atravessamentos por diversas técnicas de produção e consumo em diferentes plataformas. O processo de produção dessas narrativas ganha o apoio de softwares e aplicativos, transparecendo e invisibilizando a presença do artista em nome da diegese. O artigo descreve estratégias didáticas e metodologias de investigação a serem desenvolvidas em atividades de pesquisa educacionais por professores e acadêmicos da Universidade de Santa Cruz do Sul, promovendo uma reflexão sobre níveis diegéticos, criticidade e literacia midiática a partir do consumo e da produção de HQs no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** educação; comunicação; mídia; narrativa.

A representação da realidade descrita por meio de imagens acompanha a história da humanidade desde o tempo dos homens das cavernas, mas ainda é envolta em dúvidas: as imagens tratam de histórias vividas (memória) ou desejos e culto aos eventos que estariam por vir? De qualquer forma, a narrativa através de imagens ilustrativas passou a ser confrontada com a iconografia mimética da fotografia a partir do século XIX. Antes disso, no campo das artes plásticas a fidelidade (mimesis aristotélica) já era debatida. Associada ao “belo” e ao “artístico”, a representação da realidade e as artes plásticas também provocou a discussão sobre autoria a partir da ascensão do artista à condição de autor da obra no renascimento/iluminismo.

Na segunda década do século XXI este debate parece voltar à pauta pelas ferramentas digitais e colaborativas disponibilizadas pela internet. Sem dar crédito aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2014). E-mail: deborapazm@hotmail.com e debora\_paz89@yahoo.com.br .

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo, mestre em Letras e Cultura Regional, doutorando em Ciências da Informação e Comunicação, professor da Universidade de Santa Cruz do Sul e da Univates, Rio Grande do sul, Brasil. E-mail hoff@unisc.br e rafael.hoff@yahoo.com.br .

artistas programadores dos aplicativos e sites, escondidos na “caixa preta” (FLUSSER, 2011), os autores são tomados por aqueles que narram. Essa perspectiva parece desconhecer a polifonia de discursos (BAKHTIN, 2006) ou o campo social em que este discurso é produzido e sua economia de trocas simbólicas (BOURDIEU, 2007) por trás das condicionantes oferecidas pelos dispositivos digitais.

A Educomunicação como prática e como epistemologia, pode oferecer à leitura e produção discursiva uma intersecção entre o mundo vivido e o universo escolar, provocando conexões e crítica sobre a mídia e suas contribuições à conformação do mundo, tal como o vemos. A partir de práticas didático-pedagógicas voltadas à identificação dos níveis diegéticos (GENETTE, 1972) e suas vozes, presentes nas histórias em quadrinhos, propõe-se um exercício de construção/desconstrução dos discursos midiáticos como processo metodológico.

Em uma segunda etapa, como forma de provocação à autonomia e/ou à criticidade, propõe-se a construção de narrativas locais, baseadas em fatos do mundo vivido pelos estudantes, como forma de discursividade auto-poiética. A narrativa que configura o mundo vivido pode apresentar inúmeros finais, incitando o autor a imaginar caminhos, papéis/personagens e conexões. Essa prática, mediada pelo educador, conduz à reflexão sobre realidades possíveis e sobre protagonização nas experiências imediatas, bases da Educomunicação.

## **Metodologia**

A metodologia do estudo proposto parte das discussões e leituras promovidas pelo grupo de estudos em Educação, Mídia e Tecnologias da Universidade de Santa Cruz do Sul, organizado e coordenado pelos professores Felipe Gustsack e Rafael Sbeghen Hoff. O grupo se constitui num primeiro movimento de construção de espaço simbólico de intersecção destas áreas do conhecimento, vinculados sob a perspectiva da Educomunicação, no ambiente acadêmico da instituição.

A relação com os educadores e professores em formação ou egressos da Universidade abre portas às atividades do grupo no ambiente escolar das redes pública e privada, nos níveis fundamental e médio. O primeiro passo teve como foco detectar demandas desses profissionais da educação na cidade sede da Unisc a partir de pesquisas empíricas e de campo em dissertações do Mestrado em Educação ou dos discursos dos

eventos ligados às áreas reunidas pelo grupo. A ênfase empírica recaiu sobre as estratégias didáticas voltadas à Educomunicação e a literacia midiática. O recorte proposto aqui – histórias em quadrinhos – é objeto de investigação direta no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisc capitaneado pela autora Débora Paz Menezes e que estabelece interlocução com Rafael Hoff, coordenador do grupo Educação, Mídia e Tecnologias.

Ainda como proposta de ingresso no Mestrado em Educação a pesquisadora levantou bibliograficamente as referências que tratam sobre a história desta mídia. A partir do primeiro esboço, os autores propuseram um cruzamento com leituras e discussões promovidas durante o VI Educom – Encontro Brasileiro de Educomunicação, realizado na Pontifícia Universidade Católica – RS em Porto Alegre (junho/2015). A planificação de exercícios didático-pedagógicos também surge do compartilhamento de experiências e planejamentos de professores colaboradores e integrantes do grupo de estudos já mencionado.

Basicamente, a experiência proposta na investigação que esta em construção é dividida em oito etapas: 1) Apresentação do exercício à turma de ensino médio de uma escola da rede pública de Santa Cruz do Sul; 2) Leitura de diferentes histórias em quadrinhos (formatos e gêneros) e debate sobre públicos, perfil dos personagens e estrutura das histórias; 3) Mediação sobre finais alternativos, pontos de vista e estruturas das narrativas, técnicas de construção de histórias em quadrinhos, relação entre forma e conteúdo nas histórias em quadrinhos; 4) Debate sobre jornalismo em quadrinhos, realidade e ficção nas narrativas; 5) Produção de histórias em quadrinhos baseadas em fatos reais; 6) Publicização interna (na turma) das histórias e debate sobre vozes e silenciamentos, pontos de vista e níveis diegéticos, forma, conteúdo e edição midiáticos; 7) Exposição dos trabalhos à comunidade escolar, em forma de varal, com possibilidade e interação (perguntas a responder pelos visitantes da mostra ou comentários aos autores); 8) Avaliação da atividade e coleta de depoimentos dos integrantes da turma sobre a experiência produzida.

### **Histórias em quadrinhos**

As primeiras histórias em quadrinhos (HQs) nasceram no interior dos jornais, na forma de tiras cômicas ou *comic strips*. Com o passar do tempo foram publicadas histórias maiores em pequenas revistas de papel jornal, o conhecido “gibi” brasileiro. Os temas eram

direcionados ao público infanto-juvenil e ofereciam entretenimento barato e descartável. Por esse motivo, os quadrinhos passaram a ser vistos como um gênero textual que abordava temáticas irrelevantes e sem profundidade.

No entanto, uma nova base metodológica de pesquisas culturais conseguiu estruturar uma evolução crítica, a partir do relacionamento entre a reprodutibilidade técnica e o consumo em massa, que possibilitaram novas posições estético informacionais para a obra de arte. Além da importância ideológica e social, os quadrinhos mostram uma problematidade expressional de profundo significado estético (CIRNE, 1972), tornando-se a literatura ou um novo tipo de literatura do século XX, marcadamente gráfico-visual.

As “estórias em quadrinhos” (CIRNE, 1972), durante muito tempo foram tidas como uma sublitteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças, conforme estudos realizados por sociólogos. Um dos motivos que contribuiu para que os quadrinhos fossem rotulados de forma negativa (EISNER, 2008) consiste no fato de a predominância da arte no formato tradicional dos quadrinhos chamar mais atenção para a forma do que para seu conteúdo literário.

Foi apenas entre 1965 e 1990 que os quadrinhos passaram a ser vistos como literatura, pois começaram a procurar conteúdos literários (EISNER, 2008). Tudo iniciou com um movimento *underground*, em que escritores e artistas criavam um mercado de distribuição direta. Logo surgiram lojas especializadas em quadrinhos, o meio passou a se consolidar, os quadrinhos passaram a explorar assuntos que até então eram exclusivos da literatura, do teatro e do cinema.

Atualmente é visível uma mudança de posicionamento com relação aos quadrinhos, através do reconhecimento e da inserção do formato na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no PNBE- Programa Nacional Biblioteca na Escola e nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais. Com o propósito de demonstrar como as histórias em quadrinhos inseridas no meio educacional contribuem para a formação de alunos críticos, de seus papéis sócio-históricos e ideológicos, tentaremos definir o que são histórias em quadrinhos e quais suas principais características e especificidades.

Will Eisner (1999) utiliza o termo arte sequencial para descrever as histórias em quadrinhos. Para o autor a principal função da arte dos quadrinhos é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolvendo o movimento de certas imagens no espaço. Para lidar com a captura desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são denominados de

quadrinhos. Segundo o autor “o visual funciona como a mais pura forma de arte sequencial, porque, ao lidar com a narração, procura empregar como linguagem uma mistura de letras e imagens” (EISNER, 1999, p. 128).

McCloud (1995) considera os quadrinhos como uma forma de arte, mas, segundo ele, esta forma de arte serve como meio para apresentação de conteúdo, a partir do recurso das imagens sequenciais. O autor descreve os quadrinhos, como uma embarcação que contém um número ilimitado de imagens e ideias e, em todos os sentidos, é entendida como uma forma singular de leitura. Eisner (2008) parte deste mesmo princípio e acredita que as histórias em quadrinhos são um meio visual composto de imagens. Para ele, “apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade” (EISNER, 2008, p. 5). McCloud (1995) e Eisner (2008) considerarem os quadrinhos como um meio de comunicação.

### **Narrativas e níveis diegéticos – os pontos de vista e as falas de quem conta a história**

Considerando que a narrativa consiste em uma forma de contar uma história, com personagens, ambientação, começo-meio-e-fim, adotaremos o termo diegese para um tipo particular de narrativa – a ficcional.

a diegese é uma forma literária de representação do mundo, mas não de uma forma documental, ainda que se utilizando do mundo real como um pano de fundo para ambientar histórias imaginárias, povoadas por seres imaginários e até criando mundos imaginários baseados no mundo real. Já a palavra ficção, considerando o senso comum, remete fortemente a alguma coisa inventada, não real, quase mentirosa. (STEIDORFF, 2015, p. 13).

Por trás da diegese se escondem traços de realidade que promovem o reconhecimento dos ambientes, a humanização de personagens e a vinculação da história narrada com a realidade vivida e/ou conhecida pelo receptor da narrativa. Esses traços estão presentes em alguns tipos de diegeses, como aponta Steindorff;

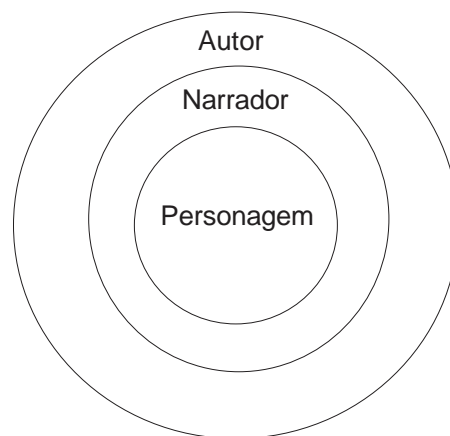
Eco (1994) explica que o leitor necessita de marcas no texto que autenticam a verossimilhança, ou seja, características narrativas que conduzam sua leitura e aceitação do texto que está sendo lido. O autor sugere que se dividam, neste sentido, as narrativas em dois grupos: narrativas naturais e narrativas artificiais. O primeiro grupo se caracteriza pelos relatos de acontecimentos que o narrador afirma (mesmo de forma errônea ou mentirosa) ser realidade. Neste grupo estão acontecimentos cotidianos do narrador, notícias jornalísticas e fatos históricos. Ao

segundo grupo, pertencem às narrativas supostamente fictícias, que fingem dizer algo sobre o mundo real ou dizem algo sobre algum universo ficcional. A este grupo pertencem, por exemplo, romances, contos e anedotas. (STEIDORFF, 2015, p. 19).

A partir dessa classificação traçamos um panorama dos níveis diegéticos da narrativa, tomando como ponto de partida a teoria de Genette.

A instancia narrativa de um relato primeiro é, pois, por definição extradiegética, como a instancia narrativa de um relato segundo (metadieético) é por definição diegética, etc. Insistimos sobre o eixo de que o caráter eventualmente fictício de uma instancia primeira não modifica mais essa situação que o caráter eventualmente real das instancias seguintes.<sup>4</sup> (GENETTE, 1972, p.284-285) (Traduzido pelo autor).

O teórico propõe que todo autor é um primeiro narrador e seu ponto de vista é externo à diegese. A história narrada pode ainda conter um narrador interno (metanarração), e a diegese ainda proporcionar a leitura de pensamentos e sensações dos personagens, dando receptor a noção de um terceiro nível diegético. Esses níveis são melhor exemplificados por círculos concêntricos que se inter-relacionam, conforme a figura a seguir.



Relacionando os níveis diegéticos com o conceito de discurso polifônico de Mikhail Bakhtin (2006), é possível traçar um mapa de intertextualidades expressas pelos fragmentos culturais (textos imagéticos e textuais), buscando assim revelar pontos de vista e posições sociais de onde são proferidos e para quem se destinam. Afinal, se palavras, onomatopeias, cores e representações de gênero, por exemplo, são signos de uma cultura experienciada por sujeitos, “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais

---

<sup>4</sup>La instancia narrativa de un relato primero es, pues, por definición extradiegética, como la instancia narrativa de un relato segundo (metadieético) es por definición diegética, etc. Insistamos sobre el hecho de que el carácter eventualmente ficticio de la instancia primera no modifica más es a situación que el carácter eventualmente real de las instancias siguientes.

indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 2006, p. 43) no processo comunicacional e merecem o exercício da análise como busca da desconstrução e reconstrução de sentidos, ocultos e explícitos.

Tão importante quanto a materialidade e o explícito nos discursos em análise são as interdições e os silenciamentos. E a reprodutibilidade desses discursos e interditos se faz na linguagem, no cotidiano e na falta de reflexão sobre as práticas linguísticas. A produção de histórias em quadrinhos, a partir da consciência do processo produtivo, tende a servir de instrumento de sensibilização aos lugares de fala e seus contextos, como nos explica Bakhtin;

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. (BAKHTIN, 2006, p. 114-115).

Com essas contribuições teóricas o projeto tem por objetivo atender aos pilares da educomunicação: o empoderamento, a pedagogia crítica e o protagonismo do aprendiz nas relações sociais.

### **Educomunicação - Entre a teoria e a prática**

O termo educomunicação carrega os sentidos a ele atribuídos, ao longo das últimas décadas, pelos diferentes grupos que estudam o campo. Para alguns, é sinônimo de educação diante dos meios. Para outros, designa a prática mais moderna da educação midiática. Contudo, foi a partir de 1999 que surgiu o terceiro sentido atribuído a educomunicação. O conceito que designa um campo de intervenção social na interface entre a comunicação e a educação. Para Soares,

O conceito de educomunicação pressupõe a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da educação (de suas filosofias ou didáticas), ou mesmo da comunicação (de suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). (SOARES, 2014, p. 17).

De acordo com o autor, a educomunicação enquanto campo multidisciplinar e transdiscursivo conta com a contribuição de áreas de pesquisa e de exercícios práticos próprios de outros campos do saber. Do campo da educação, o importante à educomunicação são os conhecimentos produzidos na área da sociologia da educação, que aborda, principalmente as teorias da aprendizagem social. Assim como da legislação, especialmente os parâmetros curriculares, nos pontos que dizem respeito aos temas das linguagens e do protagonismo infanto juvenil, no contexto do plano político pedagógico. Tratando-se da comunicação (SOARES, 2014) o que importa à educomunicação é a criatividade e o potencial inovador trazido para a produção cultural pelas tecnologias de informação, mas também as pesquisas sobre recepção, sobretudo as desenvolvidas sob a ótica dos estudos culturais.

A educomunicação implica a inter-relação de dois campos de estudo: a educação e a comunicação (APARICI, 2014). De acordo com o autor é conhecida também como recepção crítica da mídia, pedagogia da comunicação, pedagogia da imagem, didática dos meios audiovisuais, educação midiática, etc. Esse novo campo de estudo é conhecido por outras nomenclaturas, por exemplo, se desenvolveu nos Estados Unidos com o nome de *Media Literacy* e no Reino Unido com o termo *Media Education*.

O autor ressalta, ainda que a educomunicação apresenta uma filosofia e uma prática da comunicação e da educação, baseados no diálogo e na participação que não exigem apenas tecnologias, mas uma mudança de atitudes e concepções. Neste sentido Freire (1996) defende que o diálogo é um elemento essencial para problematizar o conhecimento: o diálogo é entendido como uma metodologia e filosofia.

Não é recebendo lições que o aluno chega a apropriação do conhecimento, o ser humano aprende construindo, elaborando componentes simultâneos que se penetram e se necessitam reciprocamente (KAPLÚN, 2014). Comunicação e ensino fazem parte de uma mesma realidade, uma realidade que supera a inclusão do conceito de ensino no mais amplo da comunicação dialógica. A educação e a comunicação são dois lados do mesmo propósito, (VELASCO, 2014) uma não existe sem a outra, porque os jovens se comunicam e educam o tempo todo e em qualquer lugar.

Os olhares dos campos secularmente estabelecidos da educação e da comunicação se entrecruzam com certa frequência (SOARES, 2011). Ainda que se entendam ambos como fenômenos distintos, a interconexão entre eles é requerida pelas próprias exigências da vida em sociedade. Segundo o autor diante de uma mídia que se sente livre para produzir e



divulgar o que convém com o tipo de relação que tem com o mercado, a educação se previne e cria programas de análise crítica das mensagens em circulação, por sua vez, a comunicação, desobriga do ensino formal, não se furta em conduzir a formação de hábitos e valores de seus públicos, através do entretenimento e de uma publicidade especificamente dirigida ao segmento infanto-juvenil. Ou seja, os campos da comunicação e da educação, cada um a seu modo, educam e comunicam. A educomunicação, ao reconhecer e codividir tais preocupações situa-se a partir de seu lugar específico, que é a interface.

### **Considerações finais**

As reflexões aqui propostas estão em constante discussão no grupo Educação, Mídia e Tecnologias e serão problematizadas no projeto de investigação da mestrandia Débora Paz. Contudo, destacamos que se trata de reflexões iniciais que necessitam, ainda, de muito estudo e estão em profunda inter-locação com os autores deste texto.

A pesquisa está sendo estruturada, tendo como parceira a Escola Estadual de Ensino Médio Nossa senhora do Rosário, na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. A etapa de planejamento tomará o segundo semestre de 2015 na seleção das histórias em quadrinhos que servirão de elemento motivador à prática. Ainda dentro do grupo de estudos serão dimensionadas as ferramentas e técnicas de registro e avaliação da atividade, a fim de que possam ser aproveitadas como material empírico para futuras pesquisas acadêmicas. Outra etapa importante é a formalização de parceria entre a escola e os pesquisadores, bem como autorização do uso de imagem e som destes educandos por seus responsáveis (no caso de menores de idade).

Como objetivos desta investigação são apontados:

- Empreender atividade didático-pedagógica educacional voltada à literacia midiática como estratégia de promoção da autonomia cidadã dos estudantes de uma turma da rede pública de ensino;
- Provocar a reflexão crítica dos estudantes envolvidos sobre os discursos midiáticos e suas possíveis implicações sobre a representação da realidade;
- Promover a protagonização a partir da construção de narrativas midiáticas autorais;
- Refletir a respeito de cidadania a partir das práticas exercitadas.

A pesquisa-ação como projeto também de extensão se dará pela atuação direta dos autores deste artigo, com a colaboração dos demais integrantes do grupo de estudos em Educação, Mídia e Tecnologia da Unisc, nos anos de 2015 e 2016.

## REFERÊNCIAS

APARICI, R. **Educomunicação: para além 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. HUCITEC, 2006. Disponível em: [http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO\\_E\\_FILOSOFIA\\_DA\\_LINGUAGEM.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf). Consultado em 19/06/2015.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CIRNE, M. C. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica a narrativa quadrinizada**. Petrópolis: Vozes, 1972.

EISNER, W. **Narrativas gráficas**. Escrito e ilustrado pelo autor; tradução: Leandro Luigi Del Manto. 2. ed. São Paulo: Devir, 2008.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENETTE, G. **Figuras II**. Barcelona: Lumen, 1972.

KAPLÚN, M. **Uma pedagogia da comunicação**. In: APARICI, R. **Educomunicação: para além 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 59- 81.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. **Introdução à edição brasileira**. In: APARICI, R. **Educomunicação: para além 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 7-29.

STEIDORFF, G. **Além de um castelo de cartas: a metaficção na série House of Cards**. Dissertação de Mestrado. Unisc, 2015. Disponível em: <http://btd.unisc.br/Dissertacoes/GabrielSteindorff.pdf>.

VELASCO, M. T. Q. **Educar em outros tempos. O valor da comunicação**. In: APARICI, R. **Educomunicação: para além 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.